

**OS QUATRO ELEMENTOS DA NATUREZA
E A EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL**

Autora: Ana Letícia Penedo

Modalidade: RELATO DE EXPERIÊNCIA



RESUMO

Uma reflexão sobre a necessidade, cada vez mais urgente, da brincadeira, da arte e da infância na vida da criança. Parte de um minucioso levantamento da visão do homem e sua relação com a natureza, como uma unidade composta pelos quatro elementos essenciais. A pesquisa aponta para a importância da construção de um trabalho de arte voltado para a Educação do Sensível, orientado por um fio condutor composto pelos elementos: água, fogo, ar e terra.

Palavras-chave: arte, infância, educação do sensível, elementos da natureza, símbolos.

PROBLEMA

O trabalho apresentado é fruto de uma relação construída ao longo de anos com as crianças. Em 1982, ao concluir a faculdade de Comunicação, preferi abrir uma escola de arte para crianças. Filha de artista e autodidata em arte, troquei a publicidade pela aventura da educação, movida por uma pergunta que até hoje me intriga: arte se ensina?

Durante o percurso de formação profissional frequentei, e ainda frequento, os mais variados lugares. Da antiga Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro, ao curso de pós-graduação em *Arte e Educação*, na ECA/USP. Mas foi, sem dúvida, o contato direto com as crianças durante tanto tempo, o que fez brotar as verdadeiras reflexões, as dúvidas e as mudanças de paradigmas com relação à educação do sensível.

Aos poucos, comecei a perceber nas crianças pequenas que entravam na escola, uma espécie de agitação diferente. Mostravam, com seu desassossego, as grandes transformações que sofremos nos últimos anos.

“Como conseguir “montar” um quebra cabeça em forma de um indivíduo inteiro, num mundo que valoriza a pressa, a falta de contato consigo próprio e com os outros, dando pouca importância aos ritmos biológicos próprios ou da natureza, supervalorizando o intelecto e o poder?

Vivemos numa época que apesar dos avanços tecnológicos e científicos menospreza o que nossos antepassados nos ensinaram, o que os mitos nos contaram e o resultado é um desenraizamento conosco próprio e com a terra. Onde nos perdemos? As crianças são certamente os sinalizadores de um caminho!”

(PEREIRA, Maria Amelia, entrevista 2006)

Junto com a inquietação das crianças, brotaram as perguntas e a necessidade de uma reflexão mais cuidadosa para as questões diárias. Foi neste movimento de busca que acabei encontrando os elementos estruturantes desta pesquisa a partir de cursos como: a *Arte do Brincante para Educadores*, no Instituto Brincante e, um pouco mais tarde, o *Seminário para Professores Waldorf*, na escola Rudolf Steiner, ambos em São Paulo.

Acredito que o depoimento do percurso descrito acima, feito para chegar à pesquisa, possa ser um facilitador para o entendimento das questões abordadas. A prática em sala de aula viveu uma grande transformação. O foco do trabalho com as crianças passou a ser, não só o ensino da arte, mas a criação de uma relação com o

sensível, o estar no mundo de forma mais integrada com o espaço do sagrado da infância. Desenvolvido ao longo de vários anos nas aulas de arte, com as crianças do ensino fundamental ¹.

OBJETIVOS

A pesquisa se propõe a refletir sobre o desenvolvimento de um trabalho de arte com as crianças a partir da relação com o sensível, levando em consideração suas mudanças e seus novos direcionamentos. Através de uma fundamentação teórica baseada em diferentes fontes, vivências e autores, foram construídos os conceitos estruturantes para uma prática baseada no ensino com o foco na educação do sensível.

METODOLOGIA

O método utilizado para a realização da pesquisa é de natureza exploratória e descritiva. Partiu de reflexões da própria prática, para a busca de embasamento teórico em fontes primárias e secundárias, em cursos de formação e registro de experiência. Os resultados qualitativos aparecem na construção de conceitos e ideias apresentados.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Desde a Antiguidade e em várias civilizações, o número quatro tem um simbolismo especial: o da plenitude, da totalidade, da abrangência, da universalidade. Expressa, ao mesmo tempo, o concreto, o visível, o aparente, o criado, ao contrário do número três, que espelha o transcendental, o espiritual, o abstrato, o divino. Nas palavras de Platão: “O ternário é o número das ideias; o quaternário, o da realização das ideias”. Esta concepção parece radicar-se no inconsciente coletivo, porquanto o mesmo simbolismo aparece em todas as civilizações, inclusive entre povos indígenas e tribos africanas.”
(REZENDE, 2009, p, 49)

Os quatro elementos e as tradições

Mais do que símbolos ou conceitos abstratos, os quatro elementos referem-se às forças vitais que se manifestam em toda a criação e que podem ser percebidas pelo sentido físico. Constituem a base da astrologia e de todas as ciências ocultas e abrangem também tudo aquilo que percebemos com o olhar, tudo aquilo que experimentamos. A terra é sólida, a água é líquida, o ar é gasoso e o fogo é plasma ou energia irradiada e, portanto, concluímos que a mistura desses elementos compõem tudo o que nos cerca.

A medicina antiga já se baseava nestes quatro elementos para classificar os tipos humanos, associando-lhes certas doenças ou predisposições físicas e mentais. Por essa razão, a importância do elemento ao qual alguém pertence determina também sua manifestação psicológica e energética.

¹ Trabalho realizado desde 1996, na Escola Nossa Senhora das Graças, em São Paulo/SP.

Muitas culturas incluem os elementos nas suas tradições filosóficas, religiosas ou mitológicas. No Tibete, por exemplo, as construções chamadas de estupas, são gigantescos símbolos da estrutura da criação. Sua base é um grande cubo representando a terra, sobre o qual repousa uma esfera que representa a água. No alto da esfera há uma estrutura semelhante a uma espiral simbolizando o elemento fogo. Bem no topo há uma meia-lua representando o ar e sobre a qual existe uma pequena esfera indicando o éter, que para os tibetanos é a força primária da qual emanam todas as outras. A estupa representa o alicerce básico da cosmologia tibetana, portanto, os elementos eram considerados como as energias fundamentais do Cosmos.

Nas bandeiras tibetanas de oração também aparecem os quatro elementos, acrescidos de mais um que representa o espaço, o céu. Funcionam como uma forma de medicina, um apelo silencioso ao que temos em nós. A cor azul simboliza o espaço, o céu; a branca, o ar, as nuvens; a vermelha, o fogo; a verde, a água, a natureza e a amarela, a terra. Na tradição, as bandeiras são penduradas ao ar livre, deixando que o vento leve as orações para os espaços sagrados, representam boa sorte, energia de vida e desejos de realizações.

Na cultura da Índia encontramos uma visão parecida para os elementos, presente nas escrituras sagradas do Bhagavad Gita e nas bases filosóficas da medicina Ayurvédica. O conceito dos elementos também aparece na medicina chinesa, a Acupuntura.

Há também referências aos elementos na antiga filosofia grega, na teoria renascentista dos quatro “humores” e dos temperamentos humanos, na tradição zen-budista e na cosmogonia suméria. Em todas elas, os elementos são considerados, não como símbolos ou conceitos abstratos, mas como as energias fundamentais do Cosmos: as forças vitais que compõem toda a criação.

Cada elemento representa um tipo básico de energia e consciência operando em cada um de nós. Correspondem às necessidades básicas: alimento (terra), ar, água e calor (fogo).

Na Grécia Antiga, os elementos correspondiam naturalmente às capacidades do Homem: física (terra), intelectual (ar), estética ou emocional (água) e moral ou espiritual (fogo).

Na tradição dos povos indígenas brasileiros também encontramos uma relação direta com os elementos da natureza, como escreveu JECUPÉ (1998, p.14):

“É da natureza do índio reverenciar os ancestrais, os antepassados. Faz isso em sinal de gratidão, pois foram eles os artesãos modeladores e moldes do tecido chamado corpo, feito de fios perfeitos da terra, água, fogo e ar, entrelaçando-os em sete níveis do tom que somos, assentando o organismo, os sentimentos, as sensações e os pensamentos que comportam um Ser, parte da Grande Música Divina.”

Ainda sobre a relação dos povos indígenas com o equilíbrio entre o corpo e a alma, JECUPÉ (1998, p. 24) esclarece:

“Os povos indígenas brasileiros, mais precisamente os Tupinambá e os Tupy-Guarani, descendem de ancestrais chamados pelos antigos de Tubuguaçu, que detinham uma certa sabedoria da alma, ou seja, do ayvu, o corpo-som do Ser. A partir dessa sabedoria ligada à ciência do sagrado, desenvolveram técnicas – na verdade, intuíram técnicas – de afinar o corpo físico com a mente e o espírito. (...) entendem o espírito como música, uma fala sagrada

(...) que se expressa no corpo; este, por sua vez, é flauta (...) veículo por onde flui o canto que expressa o Avá (o ser-luz-som-música) que tem sua morada no coração.

Essa flauta é feita da urdidura de quatro angás-mirins (pequenas almas), que fazem parte dos quatro elementos: terra, fogo, água e ar. Eles precisam estar afinados (...) por isso fez-se o Jeroky, a dança, com o fim de afinar todos os espíritos pequenos do ser.”

Os temperamentos

A teoria clássica dos temperamentos foi formulada por médicos gregos, contemporâneos de Platão e Aristóteles, também ligados à teoria dos quatro elementos. Hipócrates, o pai da medicina antiga, afirmou que havia quatro temperamentos básicos do ser humano, de acordo com a predominância de um dos quatro humores. De acordo com REZENDE, 2009, p. 50:

“O conceito de humor (khymós, em grego), na escola hipocrática, era de uma substância existente no organismo, necessária à manutenção da vida e da saúde. Inicialmente, fala-se em número indeterminado de humores. Posteriormente, verifica-se a tendência de simplificação, reduzindo-se o número de humores para quatro, com seu simbolismo totalizador: o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra.”

Assim, os temperamentos estariam diretamente ligados aos humores: o sanguíneo, devido ao sangue; o bilioso ou colérico, devido à bile amarela; o fleumático ou linfático, devido à fleuma ou pituita (isto é, os mucos e líquidos incolores como a linfa); o melancólico ou nervoso, devido à bile negra (humor aparentemente imaginário).

Tabela 1

| | |
|--|------------------------------------|
| Fleumático (linfa ou fleuma) | Colérico (bile amarela) |
| Sanguíneo (sangue) | Melancólico (bile negra) |

Fonte: dados organizados pela autora a partir do texto

O estado de saúde dependeria da mistura equilibrada dos quatro humores, que poderiam alterar-se por ação de causas externas ou internas .

Na Europa da Idade Média e da Renascença, desenvolveu-se a teoria dos quatro elementos, conectando-a com os quatro temperamentos básicos conforme os ensinamentos de Hipócrates. Citando novamente REZENDE, 2009, p. 5:

“Segundo a doutrina dos quatro humores, o sangue é armazenado no fígado e levado ao coração, onde se aquece, sendo considerado quente e úmido; a fleuma, que compreende todas as secreções mucosas, provém do cérebro e é fria e úmida por natureza; a bile amarela é secretada pelo fígado e é quente e seca, enquanto a bile negra é produzida no baço e no estômago e é de natureza fria e seca.

A doutrina dos quatro humores encaixava-se perfeitamente na concepção filosófica da estrutura do universo. Estabeleceu-se uma correspondência entre os quatro humores com os quatro elementos (terra, ar, fogo e água), com as quatro qualidades (frio, quente, seco e úmido) e com as quatro estações do ano (inverno, primavera, verão e outono).”

Tabela 2

| Quatro Temperamentos | Quatro Elementos | Quatro Qualidades | Estações do ano | Época ideal para o trabalho |
|----------------------|------------------|-------------------|-----------------|-----------------------------|
| Melancólico | Terra | Frio e seco | Outono | Primavera |
| Fleumático | Água | Frio e úmido | Inverno | Verão |
| Sanguíneo | Ar | Quente e úmido | Primavera | Outono |
| Colérico | Fogo | Quente e seco | Verão | Inverno |

Fonte: esquema organizado pela autora a partir do texto

Os temperamentos na Antroposofia

O filósofo, educador e artista Rudolf Steiner (1861-1925) criou uma linha de pensamento que enfoca o homem além de seu aspecto material. A Antroposofia, uma concepção filosófica que aborda o conhecimento do ser humano aliando fé e ciência, defende a ideia da constituição quaternária do homem, caracterizada pela presença de um corpo físico, um corpo etérico, um corpo astral e um eu.

“A ciência moderna, materialista, mecanicista e, na medida do possível, ‘exata’, procura enquadrar o ser humano num sistema de regras e interpretá-lo aplicando-lhe leis vigentes na química, na física, na biologia, na psicologia animal. (...) A Antroposofia enfoca o ser humano sob um ângulo mais amplo, embora seu raciocínio e seus métodos não deixem de ter o mesmo rigor científico. Procurando entender a entidade humana, constataremos, à primeira observação, que seu corpo é constituído pelas substâncias ou elementos químicos que também formam o mundo ao nosso redor. O mesmo carbono, oxigênio, cálcio, ferro, etc. acham-se na constituição de ambos.” (LANZ, 1998, p. 15)

Steiner combateu a Educação massificada, valorizando as características individuais. Adotou o conceito de quatro temperamentos básicos, descritos inicialmente por Hipócrates (460-377 a.C.), para explicar por que crianças em estágios similares de desenvolvimento reagem a estímulos de formas diferentes. Defendeu a ideia de que os temperamentos devem ser considerados quando se planeja a forma de transmitir o conhecimento.

Na sua concepção, os temperamentos podem ser descritos com as seguintes caracterizações:

- a criança sanguínea, também chamada de aérea, parece ter o corpo leve e ágil, acima do chão, de um modo geral apresenta pouca capacidade de concentração;
- a de temperamento melancólico apresenta uma relação oposta com o corpo, parece carregar um fardo, não consegue fazer uso do próprio corpo e cria um mundo imaginário em que gosta de se isolar, está relacionada ao elemento terra;

-a fleumática tende a permanecer acomodada, sem interesse pelo que acontece ao redor, apresenta uma preponderância às características fluidas do elemento água;
 -a colérica, é aquela que tenta se impor em todas as ocasiões, é estourada, ligada ao elemento fogo.

É importante deixar claro que é raro encontrar uma pessoa com um determinado temperamento de forma pura. Em geral, coexistem numa mesma personalidade traços de dois ou mais temperamentos. O conhecimento de cada um ajuda o professor a compreender os alunos e seu comportamento, além de indicar diferentes formas de atuação em sua relação com cada um deles. LANZ, 1998, p. 74 esclarece:

“Um dos meios recomendados por Rudolf Steiner consiste em agrupar os alunos na sala de aula conforme os temperamentos, sentando-os juntos. Desse modo os sanguíneos, por exemplo ficariam mais calmos, cansando-se mutuamente com sua turbulência; e os fleumáticos, exasperados pela indolência de seus respectivos vizinhos, ficariam mais ‘nervosos’ dentro de suas possibilidades.”

A medicina antroposófica, assim como a pedagogia, trabalha com a ideia de que, conhecendo mais sobre cada temperamento predominante, é possível equilibrar-se e entender melhor o outro. Como vimos, o temperamento é uma qualidade interna característica de cada pessoa e pode ser relacionados aos quatro elementos da natureza:

Tabela 3

| Temperamentos | Elementos | Formas de manifestação | Relação dos temperamentos com o corpo |
|----------------------|------------------|-------------------------------|--|
| Melancólicos | Terra | frio e seco | corpo físico |
| Fleumáticos | Água | frio e úmido | corpo emocional ou astral sistema glandular |
| Sanguíneos | Ar | quente e úmido | corpo mental sistema nervoso |
| Coléricos | Fogo | quente e seco | corpo vital ou etérico sangue |

Fonte: esquema organizado pela autora a partir do texto

Apesar de todos apresentarem um pouco dos quatro tipos, em cada indivíduo prevalece um temperamento diferente. É esse ‘tempero’ que influencia as formas de como o indivíduo reage perante os outros e o mundo. O tipo de temperamento interfere em tudo o que o indivíduo faz, desde seus hábitos, do sono, até sua alimentação. O que se espera é que, com o passar dos anos, esses elementos consigam entrar em harmonia.

Com relação à aparência física, os quatro temperamentos costumam se manifestar nas pessoas da seguinte forma:

- os melancólicos geralmente são pessoas altas e encurvadas,
- os fleumáticos indivíduos médios e roliços,
- os sanguíneos proporcionais em peso e estatura,
- os coléricos, pessoas baixas e compactas.

Os Quatro Elementos e as Funções Psíquicas

Carl Gustav Jung (1875-1961), um dos autores que mais estudou a personalidade humana, pesquisou as relações do homem com o mundo externo e a comunicação entre as pessoas.

Para Jung a Teoria dos Quatro Elementos é uma metáfora alquímica para explicar o processo de formação e de integração da psique humana. Ele aplica a sabedoria milenar dos alquimistas ao processo de formação da identidade, fugindo da visão meramente cientificista. A alquimia, que vem antigo Egito, contém ensinamentos práticos e teóricos de transformação e aperfeiçoamento da matéria.

De acordo com sua teoria, o consciente conhece quatro modos essenciais de percepção, isto é, funções que se expressam de maneira diferente, com mais ou menos força, em cada indivíduo: a função do pensamento, que ele relaciona ao ar; a função do sentimento, ligada à água; a da sensação, com a terra e a da intuição, com o fogo.

Cada função pode ser vivida tanto de uma maneira introvertida quanto extrovertida. Para o indivíduo, uma combinação das quatro funções resulta em uma abordagem equilibrada do mundo:

- uma função que nos assegure de que algo está aqui (sensação);
- uma segunda função que estabeleça o que é (pensamento);
- uma terceira função que declare se isto nos é ou não apropriado, se queremos aceitá-lo ou não (sentimento);
- e uma quarta função que indique de onde isto veio e para onde vai (intuição).

Entretanto, ninguém desenvolve igualmente bem todas as quatro funções. Cada pessoa tem uma função fortemente dominante, e uma função auxiliar parcialmente desenvolvida.

Assim, podemos entender cada modo de percepção, relacionado ao elemento correspondente:

Tabela 4

| Modo de percepção | Elementos |
|--------------------------|------------------|
| sensação | terra |
| pensamento | ar |
| sentimento | água |
| intuição | fogo |

Fonte: esquema organizado pela autora a partir do texto acima

“A sensação constata a presença das coisas que nos cercam e é responsável pela adaptação do indivíduo à realidade objetiva. O pensamento esclarece o que significam os objetos. Julga, classifica, discrimina uma coisa da outra. O sentimento faz a estimativa dos objetos. Decide do valor que têm para nós. Estabelece julgamentos, mas a sua lógica é toda diferente. É a lógica do coração. A intuição é uma percepção via inconsciente. É apreensão da atmosfera onde se movem os objetos, de onde vêm e qual o possível curso de seu desenvolvimento”

(Silveira, 1994, p.55)

A partir dos conceitos trabalhados, podemos estabelecer uma relação entre os elementos da natureza e as teorias abordadas, como mostra a tabela 5.

Tabela 5

| ELEMENTOS DA NATUREZA | JUNG | POVOS INDÍGENAS CORPO/MENTE/ESPÍRITO | STEINER (DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA-SETÊNIOS) |
|------------------------------|---|--|--|
| TERRA | Materialidade Contato com o outro | Vitalidade física (base da coluna Bater o pé direito) | Corpo físico (nascimento) Alimentação, metabolismo, sono |
| ÁGUA | Sensibilidade afetividade | Vitalidade emocional (umbigo) Dançar solta as más águas | Corpo etérico (até 7 anos) Vontade Permeável às influências do mundo externo, força vital, troca dos dentes, memória e raciocínio Escolaridade 7 anos |
| AR | Intuição | Sentimento (coração) União das partes Internas/externas Céu/terra | Corpo astral (de 7 a 14 anos) Sentimento Fantasia/emotividade Puberdade(14 anos) |
| FOGO | Pensamento | Pensamento (psíquico) plexo(vasos e nervos) pequeno sol do ser | Eu (de 14 a 21 anos) Pensamento Busca do ideal Maioridade (21 anos) |

Fonte: resumo esquemático organizado pela autora a partir dos conceitos descritos no texto

A teoria na prática

A partir do suporte teórico apresentado, foi desenvolvida uma metodologia de trabalho com o objetivo de harmonizar cada elemento e aprofundar a relação com a educação do sensível.

O trabalho com os materiais, as histórias e as imagens estimulam diferentes formas de expressão. Ao lado das histórias, as obras dos artistas alimentam a prática diária e estimulam conversas animadas sobre arte e os materiais usados para fazer arte. Enfocando a relação com a natureza, em busca de uma educação mais consciente onde tudo faz parte do todo, a espiritualidade e o respeito com o que nos cerca.

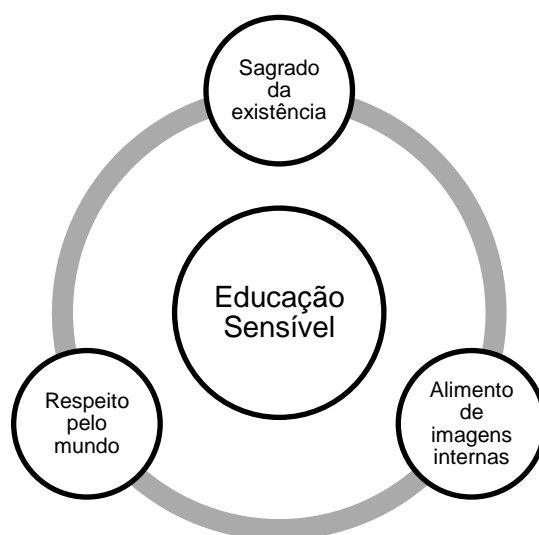
Contar histórias, ouvir música, olhar a natureza, contemplar uma imagem e brincar são fios da mesma trama tecida com as crianças. Reafirmam a importância de trabalhar e assumir uma postura comprometida com uma Educação Sensível.

A relação com os mitos e a força simbólica de cada elemento passou a fazer sentido e a fundamentar a prática, criando diferentes relações com o universo da criança.

A **água** acolhe e dissolve o que está rígido. Está ligada ao emocional, ao afetivo, à sensibilidade e à memória. É o tom da vitalidade emocional. Quando está em seu fluxo natural, manifesta o bem estar emocional e estimula a criatividade. A fluidez da água geralmente está relacionada à lua, ao sono, ao que está no fundo, ao

querer. A unidade é o caminho do feminino, o poder criador universal. A relação da serpente com o rio aparece como símbolo universal na origem de muitas mitologias. Para os sumérios, antiga civilização da Mesopotâmia, a imagem do rio era ligada à serpente. Para os gregos também o oceano está relacionado à imagem do rio-serpente, representado como um titã, que cercava e envolvia a terra.

Tabela 6



Fonte: Princípio norteador do trabalho da autora

A imagem do **fogo** está ligada à iluminação, à presença consciente. Geralmente está relacionado ao sol, à vigília, ao pensar. Vimos que na tipologia psicológica de Jung, o fogo corresponde à função da intuição, a uma maneira de conhecer, ver e penetrar a realidade. É pela intuição que nos aproximamos da essência de uma situação, das suas possibilidades, do seu significado num contexto mais amplo. Intuir é um processo criativo. É o pensamento que não é da razão. Na mitologia Héstia representa a chama da vida, em grego significa passar pelo fogo ou consumir. A figura mítica representa tanto uma presença espiritual, como um fogo sagrado que proporcionava iluminação, calor e aquecimento para o alimento. Héstia era a única a ser cultuada em todas as casas e em todos os templos. Nenhum lar e nenhum templo ficava santificado sem a sua presença. É o fogo que desenvolve os afetos e cria vínculos.

Na tradição dos povos mais antigos o **ar** aparece como a união do céu com a terra, das partes interna e externa do ser. Geralmente está relacionado ao sonho, à ancestralidade. JECUPÉ, 1998, p. 56 afirma:

“O sonho na tradição dos índios brasileiros é um momento sagrado em que o espírito está livre, em que ele realiza várias tarefas: purifica o corpo físico, sua morada; viaja até o mundo ancestral; voa pela aldeia; e às vezes vai até as margens do futuro, assim como caminha pelas trilhas do passado.”

Na tipologia de Jung o elemento ar corresponde à função do pensamento, é o elemento mais tipicamente humano.

A **terra** está ligada ao corpo, aos sentidos e aos objetos com os quais nos relacionamos. É a terra que dá forma, solidez e estrutura a tudo o que existe. Corresponde à função da sensorialidade na tipologia de Jung, é o elemento mais estável e seguro, o que estabelece maior relação com a realidade. Na mitologia grega a imagem da deusa Deméter ou Ceres, está ligada aos ciclos da natureza e ao amadurecimento dos grãos. Separada de sua filha Perséfone por Hades, durante nove meses do ano teria o direito de viver com a filha, mas durante três meses esta deveria retornar para a companhia do marido. Durante a ausência da filha, Deméter chorava, a terra se tornava fria e não produzia nada, dando origem ao inverno. Quando a filha retornava, Deméter fazia a natureza florescer, iniciando a primavera. Sua imagem mítica, ligada à perpetuação da natureza, protege os nascimentos e os casamentos. Ensinou aos homens as artes de arar, plantar e colher, e às mulheres a arte de fazer o pão.

Os quatro elementos na educação formal

O enfoque escolhido para o ensino de Arte na sala de aula apresenta especificidades de acordo com cada ano, podendo se relacionar com os conteúdos abordados pelas outras disciplinas e com o desenvolvimento da linguagem da criança.

Tabela 7



Fonte: Enfoques do trabalho planejado pela autora para ser desenvolvido no Ensino Fundamental.

Assim, a relação com os quatro elementos da natureza, desenvolvida nas aulas de Arte com os alunos do 3º ano do ensino fundamental, amplia o enfoque da

identidade da criança, iniciado no ano anterior, e vai além, englobando a percepção e a relação sensível com o mundo que a cerca.

O conteúdo de Arte passa a ser desenvolvido ao longo do 3º ano, a partir de um fio condutor com o foco na produção do homem e sua relação com a natureza, vista a partir do entendimento do mundo como uma unidade composta pelos quatro elementos essenciais. Para tanto, o trabalho acontece a partir de histórias, do contato com obras de diferentes artistas e do processo de criação com o uso de diferentes materiais.

“Estamos trabalhando com o elemento fogo. Sua força de transformação, mudança e destruição. O assunto é tão perigoso e delicado quanto o próprio contato físico com o fogo. Já fizemos chá, num ritual de iniciação ao elemento e também derretemos o giz nas velas. O frio da estação faz com que a proximidade com o calor ganhe um significado maravilhoso. Estamos falando do equilíbrio, da necessidade do calor e das transformações. O fogo mexe muito com o afetivo e também com a razão. No começo do ano, abordamos a água. Durante o ano todo trabalho os elementos com os pequenos, trazendo a espiritualidade e o respeito com o que nos cerca. Em agosto os ventos trarão o ar e o artista convocado será Portinari, com seus meninos voadores em balanços e gangorras. No final do ano ficaremos com a terra e fecharemos o ciclo com os pés fincados no chão com Rubens Matuck e Frans Krajcberg e sua eterna luta pela natureza.”

(Ana Letícia, registro do caderno de anotações diárias, 06 de junho de 2007)

O enfoque para cada elemento é dividido ao longo dos quatro bimestres do ano. A pesquisa citada anteriormente orientou a escolha da época ideal para o trabalho com cada um deles.

No primeiro bimestre, época das chuvas, o trabalho desenvolvido gira em torno do elemento **água**, quando são abordadas as imagens do rio, do peixe e do barco. Embaladas por variadas histórias da tradição oral, são feitas pinturas, desenhos e dobraduras de peixes e barcos.

No segundo bimestre o tempo mais frio cria um clima intimista, ideal para experimentar e refletir sobre o **fogo**. Quando são feitas conversas sobre a descoberta do fogo, seus perigos e utilidades, sua capacidade de transformação e iluminação.

No terceiro bimestre, época dos ventos, é a vez do **ar**, com sua capacidade de fazer voar, sonhar e brincar. São construídos vários brinquedos simples como: a piabinha voadora, o cata-vento, o avião de papel, pássaros e bolhas de sabão. Talvez seja o elemento mais perto da infância, época ideal para apreciar a série de pinturas e desenhos sobre as brincadeiras infantis, de Cândido Portinari.

No quarto bimestre, com a entrada da primavera, a natureza ganha os enfeites dados pela deusa Deméter. É quando o elemento **terra** aparece e traz com ele a segurança do chão, a verticalidade das árvores e a firmeza das raízes. É hora de pegar o barro, de crescer com as copas e respirar os novos tempos. O ciclo se completa, para começar novamente, numa espiral ascendente, rumo a outras descobertas.

"Não precisamos correr sozinhos o risco da aventura, pois os heróis de todos os tempos a enfrentaram antes de nós. O labirinto é conhecido em toda a sua extensão. Temos apenas que seguir a trilha do herói, e lá, onde temíamos

encontrar algo abominável, encontraremos um deus. Onde esperávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos. Onde imaginávamos viajar para longe, iremos ter ao centro de nossa existência. E lá, onde pensávamos estar sós, estaremos na companhia do mundo todo." (CAMPBELL, Joseph, 1990, p. 131)

Considerações finais

O texto apresentado teve a intenção de refletir sobre o trabalho desenvolvido com as crianças, suas mudanças e seus novos direcionamentos. Através de uma fundamentação teórica baseada em diferentes pesquisas, vivências e autores, foram construídos conceitos que passaram a estruturar o ensino com o foco na educação do sensível.

Retomando a pergunta “arte se ensina? ”, lançada há mais de 30 anos quando começamos o trabalho no primeiro ateliê com crianças, acrescentamos a ela novas reflexões: o que da arte se ensina, como se ensina e o que não se ensina? Podemos dizer que arte ensina a pensar, a sentir, que provoca o pensamento para outras relações com o mundo. De acordo com Paulo Freire, o papel do educador é estabelecer um diálogo entre ensino e aprendizagem, ensina enquanto aprende e aprende enquanto ensina.

No convívio diário com as crianças é importante cultivar a riqueza de suas relações com tudo o que as cercam. Trabalhar com educação é ter como referência esta delicada relação com o mundo e cuidar para que a chama do encantamento esteja sempre acesa.

“O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.”
(BOFF, 1999, p.33)

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar Ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1999.
- CAMPBELL, Joseph. *O Poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- COUSINEAU, Phil (organização e apresentação). *A jornada do herói: Joseph Campbell vida e obra*. São Paulo: Ágora, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Das relações entre a educadora e os educandos*. São Paulo: Olho d'água, 1991.
- JECUPÉ, Kaka Werá. *A terra dos mil povos*. São Paulo: Editora Peirópolis, 1998.
- JUNG, C.G. *O Homem e seus símbolos* – Rio de Janeiro: Nova Fronteira – 1964

LANZ, Rudolf. *A Pedagogia Waldorf – Caminho para um ensino mais humano*. São Paulo: Antroposófica, 1998.

PENEDO, Ana Letícia. *Caderno de anotações diárias sobre as aulas*. 2007.

PEREIRA, Maria Amelia Pinho. *Casa Redonda - uma experiência em educação*. São Paulo: Editora Livre Conteúdo, 2013.

REZENDE, JM. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. *Dos quatro humores às quatro bases*. pp. 49-53.

SILVEIRA, N. *Jung: vida e obra*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

Internet:

PEREIRA, Maria Amelia Pinho. *Conversando com a educadora Péo*. (entrevista feita por Deborah Dubner) - Blog Itu.com.br - (http://www.itu.com.br/conteudo/detalhe.asp?cod_conteudo=9158&adm=1), 2006